



**Contos
e poemas**

Tempo de
amar

Ademir Pascale
organizador
Vol. XIV

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-67511-4
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

MANIFESTO DAS DISSIDÊNCIAS, POR ANA CARVALHO, PÁG. 05	
À HORA DA SESTA, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 07	
11 DE AGOSTO DE 1999, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 10	
ÁGUAS DE FLUIDEZ, POR CRISTINE POMBO, PÁG. 13	
NUM PEDAÇO DE CONTO, POR DEBORA GUELMANN, PÁG. 15	
AMOR, POR EDILSON GOMES, PÁG. 17	
QUANDO MEU OLHAR REENCONTROU O SEU, POR FÁBIO LUZ, PÁG. 19	
MESA DE BAR, POR FELIPE PIERRY, PÁG. 23	
A CAÇA ÀS RÃS, POR FELIPE PIERRY, PÁG. 27	
A ESSÊNCIA HUMANA, POR GRACE ROCATTO, PÁG. 30	
SALTO DE FÉ, POR GUARDIÃ DE HISTÓRIAS, PÁG. 33	
JOVEM E BONITA, POR ISABELA BIL, PÁG. 35	
ENTROPIA DA CONVIVÊNCIA, POR JAFF SILVA, PÁG. 38	
LENA, POR JORNALISTA LEO BARROSO, PÁG. 41	
AMO O TEU CORPO COMO QUEM ORA SEM PALAVRAS, POR JOSÉ PAULO SANTOS, PÁG. 44	
PEDAÇOS, POR LAYLLA GOMES FRANCO, PÁG. 47	
AH... O AMOR!, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 50	
CANTOS DO ÉTER, POR RAPHAEL SANTOS OLIVEIRA, PÁG. 52	
CELESTE E SEU GATO FAVORITO, POR ROBERTO VIGNATI, PÁG. 57	
TU ÉS SIM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 62	
QUANDO É BOM, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 64	
IN/SUS... PIRAÇÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 66	
RIMOU POR AMOR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 68	
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 70	





**Contos
e poemas**

Tempo de **amar**

Ademir Pascale
organizador
Vol. XIV



Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MANIFESTO DAS DISSIDÊNCIAS

Por Ana Carvalho

Escritora, professora, baiana, neurodivergente, avó de João Miguel.

E-mail: carvalhoanna807@gmail.com

É tempo de amar?

Eis minha Ode sobre amar em sua desnatureza...

Eu estou no espectro do tempo, no anônimo homem da Praça da Paz, mas fico com a impotência, quero a impotência ao lado da mea culpa, quero poder passar esse tempo sentada diante da minha impotência solene, diante de um belo muro e celebrar a divergência esteta de Edith Piaf, quero não ter respostas e me debruçar sobre o mundo com olhar pesaroso das almas de Capela.

Não quero consumir a última celebridade saída do forno como elenco de um certo livro de Camus, a cada presença vip de milhares de reais, um invisível aparece no vidro do meu carro falando o óbvio da fome, o vejo a tempo da cor da amígdala passar para o verde.

Poderia escrever uma ária de camisa: a Arte é Supérflua quando utilitária! Vergonha dos meus tempos perdidos diante de uma novela, tudo sob script me entedia.

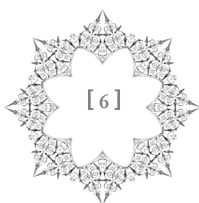
Quero a mea culpa, me ajustar naquilo que tive responsabilidade, criar a minha desova de mim mesma e dizer que essa epifania de mundo vinda enquanto a China bebe coca-cola e vende algoritmos que nos retornam à vida pós-doença datada.

A minha mea culpa de escrever esse ensaio, artigo, qualquer gênero, o fiz no Samsung, eis minha confissão vil, fiz parte dessa apoteose consumista nos hemisférios, em tudo há digitais.

No mais, terei medo do horror de cócoras disfarçado de geopolítica, ficarei em silêncio no tribunal que apedreja qualquer dissidência, não quero marchas, ninguém pode tomar de assalto a minha escolha pela matrix, choro religiosamente todos os dias às seis horas quando alguém ouve a Ave Maria a todo volume. Se me permite pensar, penso que nisso também haja tirania.

E termino com um belo esbalde de Shopenhauer: “E as moscas nascem”, quanto a isso, nada soará definitivo, eles passarão... nós passarinhos... e eis a ode ao impermanente, passarinhos também passarão.

Sob julgo do impermanente, em minha defesa, amo incondicionalmente, porque amar em tempos de desnatureza, é digno de minha Dissidência.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

À HORA DA SESTA

Por Clarissa Machado

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

“Pois, à hora da sesta, lançarei a poção do amor-perfeito diretamente nos olhos...”

nos encontrou, aos dois,
em agosto, à hora da sesta,
aquela hora em que estamos
distraídos e sonolentos.

encontrou-nos, aos dois,
coincidência ou não, no mesmo lugar
e aproveitou para tomar-nos
de surpresa.

divertiu-se lançando
flechas e soprando
filtros e toda sorte
de charme e encanto.

trevo
mandrágora
amor-perfeito...

riu-se, cegando-nos
com o fogo do amor verdadeiro
e como todo mundo sabe...

“o amor é fogo que arde sem se ver”.

assim, logrou, fazer arder, inesperadamente,
bem no centro de nossos olhos a luz divinal,
a centelha amarela da glória celestial.

e agora?

— todos perguntam.

e agora?

— eu me pergunto.

resignação:

nada a fazer.

e agora?

— todos querem saber

e agora?

— eu quero saber.

aceitação:

o que fazer?

velas

morangos

não-me-esqueças...

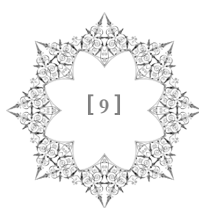
Cupido nos acertou

e a seu bel-prazer

nos amarrou, aos dois,

com um fio vermelho.

{destino}





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

11 DE AGOSTO DE 1999

Por Clarissa Machado

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

{11 de agosto, Dia de Santa Clara}

um eclipse solar visível
previsto por Nostradamus
e a gente em um ônibus.

se o mundo acabasse
a gente já teria se encontrado
e morreríamos juntos.

{11 de agosto, Dia de Santa Clara}

parece uma canção
parece um filme
parece uma lenda.

meu nome de sol
seu rosto de sol
e o eclipse no céu.

{11 de agosto, Dia de Santa Clara}

irmão sol,
irmã lua
você e eu.

valei-nos São Francisco!
valei-nos Santa Clara!
valei-nos 11 de agosto!

{11 de agosto, Dia de Santa Clara}

o Tau pendurado no teu pescoço
e a oração das Clarissas na minha bolsa

- é 11 de agosto.

dentro do ônibus
alguém cantou uma música
que agitou os passageiros.

*“os olhos piscam de repente
um sonho”.*

S de sonho
S do meu nome
S do teu nome.

{11 de agosto, Dia de Santa Clara}

11, o dia é 11,
justamente o número
das almas gêmeas.

I coincidência,
sincronicidade
ou sonho? I

se o mundo acabasse
nós continuaríamos
porque somos um sonho.

você e eu,
um sonho que Deus
sonhou.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ÁGUAS DE FLUIDEZ

Por Cristine Pombo

Psicóloga, escritora, escreve desde menina, sempre foi observadora da vida e da beleza da vida.

Nessas águas eu vou nadando, deixando me levar, deixando me lavar.

Leve e lave tudo o que quiser, eu me entrego as águas.

Eu confio, eu agradeço.

Eu sinto imensamente o fluxo em mim, como água que sou, água em mim, mar em você.

E um amor grande mesmo

É um amor enorme

É um amor imenso

Um mar inteiro.

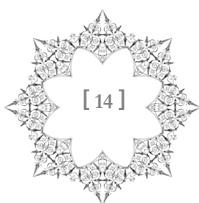
Tanta beleza eu vejo dentro dos seus olhos brilhantes.

Tanta beleza brilha no meu olhar por ter você.

Por estar em seus braços.

Eu tento ver suas águas, seu prazer em estar aqui ao meu lado e o prazer de ver você sendo você.

Essas águas que trocamos, esse amor que vai brotando, vira flor, vira lótus, vira amor.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

NUM PEDAÇO DE CONTO

Por Debora Guelmann

Débora Guelmann, natural de Curitiba - Paraná, é radicada no Rio de Janeiro desde a infância.

Graduada em Letras (Português-Francês) pela PUC-RJ e em Literatura Francesa pela École Suisse Prealpina.

É uma leitora ávida, com grande interesse por histórias de vida.

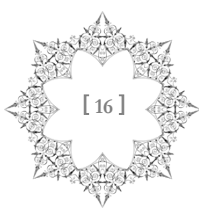
Atualmente, dedica-se à escrita, participando de coletâneas poéticas e trazendo em sua produção a essência de um olhar sensível sobre o mundo.

O corpo pesava, não de doença, mas do ritmo acelerado dos dias. Era aquele cansaço que ia se acumulando em silêncio como poeira nos cantos da sala. Entrou no metrô com o semblante empoeirado e, por sorte, encontrou um assento no canto. Encostou a cabeça no vidro por um instante e cochilou por alguns segundos. Os sons das portas se abrindo e fechando, as vozes, os ruídos, os trilhos não a incomodavam mais e já faziam parte da sua rotina, como uma espécie de fundo musical desbotado. Mas, naquele final de dia, havia algo que fugia do habitual: a leve sensação de estar sendo observada.

Ao abrir os olhos devagar, viu um menino, na faixa dos seis ou sete anos, cabelos castanhos e olhos cor de amêndoa. Ele a observava com doçura e, ao mesmo tempo, fazia careta num misto de provocação e charme inocente. Ela sorriu por dentro e fechou os olhos novamente, tentando manter a seriedade por um tempo, mas fracassou. Ao abri-los, lá estava ele, acenando para ela com a leveza genuína de uma criança. Ela, meio sem graça, não resistiu ao encanto. Estava presa a um laço invisível que só a infância sabe costurar. Nas estações seguintes, o menino continuou, e ela seguiu sorrindo sem nem saber o porquê. Seu corpo, antes tenso, foi se soltando, o maxilar relaxando, e o dia que até ali parecia apenas uma repetição cinzenta começava a ganhar um pouco mais de cor.

Quando sua estação chegou, levantou-se com calma, passou em frente ao menino e trocou com ele um único olhar como quem agradece por um presente inesperado.

Ao chegar em casa, abriu o caderno de notas e escreveu: hoje um menino adotou meu tempo no metrô. E por um breve instante, senti uma alegria genuína daquelas que não se explicam, mas que cabem inteiras num pedaço de conto.





Tempo de **amar**

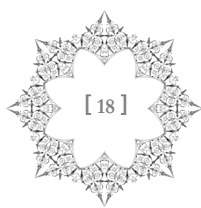
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AMOR

Por Edilson Gomes

Edilson Gomes nasceu em 1963 em Brasília. Formou-se em Letras no CEUB – Centro de Ensino Unificado de Brasília, em 1986. Foi professor concursado da rede pública de ensino do GDF – Governo do Distrito Federal durante dez anos (1989 a 1999) e aposentou-se como Auditor de Controle Interno do GDF (1983 a 2021). É casado, pai de dois filhos e avô. E-mail: edilsongomes8@gmail.com e instagram: @edlsngomes.

Somos fruto do amor
Do maior amor que existe – de mãe
A criança ama o brinquedo
Os jovens amam o jogo do amor
Os adultos amam o dinheiro
Os homens amam carro, cerveja e futebol
As mulheres amam bolsas, calçados e roupas
Os velhos amam o passado
O amor nos leva para os tribunais – divórcio
O amor nos cega – paixão
O amor tem mil aparências e se despe da realidade
O amor aquece o frio e esfria os velhos sentimentos, derrotados pelo tempo
O amor evolui para a caridade e se aniquila com uma fatalidade – a morte
Viva o amor e o que sobra dele – o nada
Mas não somos nada sem o amor.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

QUANDO MEU OLHAR REENCONTROU O SEU

Por Fábio Luz

Natural de Novo Hamburgo, nascido em 1989, o autor é advogado e apaixonado por literatura. Desde a infância, desenvolveu um profundo apreço pelos livros, incentivado por sua mãe, que o presenteava com histórias em quadrinhos da Disney, da Turma da Mônica e livros diversos. Alimenta, desde então, o sonho de se tornar escritor, tendo realizado alguns cursos de escrita criativa. Acredita no poder transformador das palavras e vê na literatura um instrumento fundamental de mudança social.

A conheci numa tarde quente de verão. Seus olhos brilhavam com a beleza de um luar antecipado, e seus cabelos, soltos ao vento, dançavam como fios de melodia invisível, conduzidos por uma brisa suave que parecia existir apenas para acariciá-la.

Ela vestia um vestido azul jeans, simples e delicado, que se movia com a suavidade de uma onda mansa. Usava óculos que refletiam o brilho da tarde como se guardassem dentro de si fragmentos de estrelas. E cada vez que seus olhos surgiam por trás das lentes, era como se o mundo inteiro se curvasse para revelar uma beleza rara, feita de simplicidade e eternidade ao mesmo tempo.

O sol tingia o horizonte de tons dourados e rosados, como se o próprio céu tivesse decidido emoldurar aquele instante para sempre em minha memória.

Ela caminhava devagar, como quem não tem pressa de chegar a lugar algum, porque já carrega dentro de si a completude do caminho. Cada passo dela parecia ressoar em mim como um acorde perfeito de uma canção que eu sempre conhecera, mas jamais havia ouvido até aquele momento.

E foi então que compreendi: aquele encontro não era casual. Era o florescer de algo esperado por séculos, talvez milênios. Havia no ar um perfume de eternidade, como se todas as vidas que antecederam aquela convergissem para aquele instante sagrado. Eu não precisava de provas, nem de certezas — bastava olhar para ela e reconhecer.

Sentamos lado a lado, como se fosse natural, no banco de madeira gasto da praça. O tempo, submisso àquele encontro, pareceu suspender seu ritmo apressado. Não havia mais ruídos de carros, nem passos apressados de transeuntes; só nós dois, a tarde quente e um silêncio pleno, desses que não pesam, mas que abraçam.

— Que dia bonito, foste bem de viagem? — perguntou ela, com um sorriso tímido.

E sua voz foi como a água que mata a sede de uma longa travessia. Havia doçura e leveza, mas também firmeza, como se ela soubesse o peso exato de cada palavra e as entregasse apenas no instante certo.

Conversamos sobre coisas pequenas, o céu, a música que um artista tocava ao longe, a beleza de uma criança que corria atrás de um balão vermelho. Mas cada palavra,

cada pausa, tinha a densidade de um universo. Era como se falássemos em códigos secretos, entendidos apenas por almas que se reencontram depois de muitas jornadas.

Eu sabia, sem precisar dizer, que já a amara antes. Talvez em outros corpos, em outras épocas, sob outros nomes. Talvez quando as ruas eram de pedra e iluminadas por tochas, ou quando não havia ruas, apenas campos e rios. Reconheci nela a ternura que me faltou em outras vidas, o abraço que me esperava em noites distantes, o riso que ecoava em sonhos antigos.

Ela também parecia saber. Seus olhos, sempre iluminados, tinham a profundidade de quem reencontra e não de quem descobre. Não havia surpresa neles, mas sim a calma de quem retorna ao lar depois de longa ausência.

E, curiosamente, aquele dia tinha algo de especial no ar, como se fosse uma celebração do feminino, da essência que gera, nutre e sustenta o mundo. Havia flores nas mãos das mulheres que passavam, havia músicas dedicadas a elas, havia no olhar de todos um respeito silencioso. Eu entendi, sem que fosse preciso nomear: não poderia haver dia mais perfeito para reencontrá-la.

O tempo se alongou em nossas conversas. Descobrimos afinidades, rimos juntos, deixamos que o entardecer nos abraçasse. O sol se despediu devagar, pintando de ouro os cabelos dela, como se quisesse deixar sua marca antes de ceder espaço à lua.

E quando a noite caiu, caminhamos lado a lado, sem destino. Não precisávamos de planos, porque já tínhamos tudo: a presença um do outro. Suas mãos encontraram as minhas de forma tão natural que seria impossível pensar que um dia estiveram separadas. Ali, entre dedos entrelaçados, senti a prova mais simples e absoluta de todas as verdades: estávamos destinados.

Seguimos andando pelas ruas iluminadas pela lua e pelos candeeiros, e cada passo era uma promessa. Não falamos de futuro, porque o futuro já estava acontecendo naquele exato momento. E eu, que sempre acreditei que a eternidade fosse algo inalcançável, percebi que ela cabia inteiramente na suavidade do sorriso dela.

E então, antes da despedida, olhei em seus olhos e disse:

— Esperei por você mais do que posso contar. Esperei por eras, por vidas inteiras.

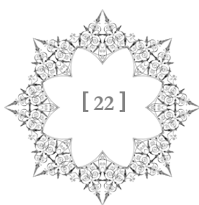
Ela sorriu com a serenidade de quem sabe e respondeu:

— E eu vim, como sempre vim. Não importa quanto tempo passe, eu sempre encontro você.

Naquele instante, sob a noite quente que guardava o perfume do verão, percebi que o amor não é apenas um sentimento. É um retorno. É o fio invisível que une todas as nossas existências, costurando-as numa tapeçaria infinita.

Beije-a, e foi como beijar o próprio início do mundo.

E assim seguimos, juntos, sob o luar, com a certeza de que nada, jamais, poderia ser mais belo do que aquele reencontro escrito pelo destino, e esperado por todas as vidas que havíamos vivido antes.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

MESA DE BAR

Por Felipe Pierry

Psicólogo, dedica-se às letras desde a infância, gosta de escrever sobre coisas do cotidiano, comportamentos humanos e motivações que levam as pessoas a agirem e viverem. Analisa o sentido das coisas e o efeito que isso causa nas pessoas, fatores que insere nas crônicas, contos e poemas que escreve.

Algumas coisas são sagradas na semana brasileira *classemediana*; jogos de futebol do time preferido, cerveja, encontro de amigos e lugares especiais. Nesse contexto habita nossa história.

Três amigos se reúnem num dos pontos mais agradáveis da cidade, um barzinho com mesas na calçada, no bairro Pompéia em Santos. dia de jogo do time da cidade; jogo fora de qualquer campeonato, sem valer taça nem posição ascendente da tabela de classificação; apenas um jogo amistoso.

— Agenor, desce duas geladas!

— E uma porção de calabresa acebolada.

— Não esquece do pãozinho, hein!

— Vai começar o jogo; camisa tradicional, vai ser de goleada.

E começa o jogo; bola no meio de campo, primeiros passes com a pelota, o zagueiro inicia o ataque passando a pelota ligeiro para o lateral...

— Essa semana o trabalho foi difícil, tive que engolir um pedido do chefe logo no final do expediente. Pô, já estava quase saindo e ele me pede um relatório; tive que abrir o computador novamente! Mais meia hora além do horário.

Desce ligeiro pela ponta, dribla o primeiro defensor, continua rápido entrando para dentro da cancha...

— VAI, PASSA ESSA BOLA, FOMINHA!

— Esse ponta não entende nada de bola, pô, assim vai afundar o time!

— Mas ninguém acompanha, também, eita falta de feijão nas pernas.

— Eu digo que isso é culpa do preparador físico, só pode.

Perdeu... tentou demais e a pelota fica com o goleiro...

— Esse teu chefe, hein! Esses caras querem mostrar trabalho em cima dos funcionários, verdadeiros incapazes.

— Agenor, desce mais duas loiras geladas, rapidão!

— Em casa a coisa também está difícil, a mulher não consegue fazer nada sozinha; sempre pedindo lavar a louça, limpar a casa, enxugar os pratos, colocar a mesa do jantar.

— Não é fácil mesmo, sei como é; são muito dependentes, parece que não querem ver a gente quietos, vendo o jornal na TV, lendo as notícias na revista.

— E a molecada então? A bagunça é generalizada, brinquedos espalhados todos pela sala, gritaria, paredes riscadas... um inferno.

— Mil vezes prefiro enfrentar os trabalhos fora de hora do chefe do que enfrentar horas em casa.

— A única coisa boa é o home office porque me tranco no quarto e dou ordem para ninguém incomodar porque vou trabalhar; aí ninguém enche o saco e posso ver um filminho no computador... escondido, claro.

A bola rola no meio do campo, o time adversário desce rápido, o meia faz a ligação com o ataque, entrada da grande área e o chute... PRA FORA!!!!

— O time tá meio fraco hoje, estou perdendo as esperanças de ver uma goleada.

— Ainda assim é melhor aqui do que enfrentar chefes, mulheres, filhos... E você André, não fala nada, só come e bebe? Como é que tá a vida?

— Eu sou gay.

Intervalo de jogo, os times se recolhem aos vestiários; vamos aos comentários dos jornalistas.

Os olhares na TV se congelam, os goles de cerveja ficam engasgados e as fatias de calabresa não conseguem ser mastigadas nem serem espetadas; o mundo naquela mesa parou como uma nevasca saindo da TV. Nenhuma palavra ou gesto. Carlão quebrou o gelo.

— O jogo está muito chato, para ver perder eu vejo em casa.

— Esse time hoje não está compromissado com o jogo, parece que vai entregar a partida; vou embora também.

— E você, André?

— Vou acabar a cerveja, depois vou pra casa.

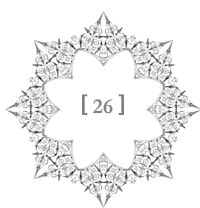
Pingaram algumas notas de dinheiro na mesa para pagar a conta e as despedidas rápidas.

— Tchau então, até outro dia.

— Até.

— Vai ficar bem, André?

— Se a cerveja estiver gelada, fico sim. Boa noite a vocês.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A CAÇA ÀS RÃS

Por Felipe Pierry

Psicólogo, dedica-se às letras desde a infância, gosta de escrever sobre coisas do cotidiano, comportamentos humanos e motivações que levam as pessoas a agirem e viverem. Analisa o sentido das coisas e o efeito que isso causa nas pessoas, fatores que insere nas crônicas, contos e poemas que escreve.

Épocas passadas, faz mais ou menos 65 anos, nós, o grupo de amigos da vila, cinco ao todo, por vezes com alguns visitantes de outras vilas, tentávamos demonstrar nossas habilidades com a arma mais poderosa que nos era permitido: os estilingues.

Os alvos eram, geralmente, as rodas do trem que passava costumeiramente pelos trilhos da vizinha avenida Francisco Glicério, logo antes do jogo de taco; talvez essa demonstração de pontaria fizesse com que cada um de nós se mostrasse como o mais habilidoso, aquele que poderia fazer mais pontos no taco. Nem sei se era isso mesmo, mas os estilingues vinham antes do taco, quando ficavam pendurados nos bolsos dos jogadores. Mostra de poder, isso sim.

Num desses dias de demonstração de habilidade nas armas, alguém provocou:

— Quem gosta de comer rã?

— Eu... eu também.

E por aí ficou.

Naquela época, eu nem sabia exatamente o que era uma rã, quanto mais o gosto ou se era para comer; sabia que rã era a mulher do sapo, aquele bicho meio nojento; e se a rã era parecida com seu alegado marido, certamente não seria a coisa mais bonita de se ver, comer então... argh!

Mas seria mais um exercício de pontaria do que culinário, achava eu.

— Vamos lá, eu topo.

Me enchendo de pretensa coragem.

Começamos a caminhar pelos trilhos do trem, atentos a qualquer movimentação pelos alagados ao lado dos dormentes, porque lá costumavam ficar as ditas.

Passamos pelo vale verde, como chamávamos um velho túnel coberto de limo até o teto, com forte cheiro de óleo diesel queimado pelas locomotivas; um xixi coletivo no final do túnel e continuamos a caminhada.

Mais uns 500 metros e nosso amigo Boca que liderava o grupo fica estático e pede silêncio dos demais:

— Shhhh... silêncio, tô vendo uma.

Todos paramos e ficamos quase estáticos, olhando como perdigueiros para onde apontava o estilingue do Boca.

Ele esticou a borracha (naquele tempo ainda não tínhamos o silicone) e PLAFT; a bichinha, atingida certamente, apenas virou de barriga pra cima enquanto a molecada gritava triunfante.

— EEEEEEE, pegou ela!

Boca correu até a rã e a levantou pelas perninhas magras e aqueles dedinhos finos.

— Tá'qui a danada, vai prá panela!

Voltamos cantado e conversando animadamente.

Chegando à vila, Bernardo foi pegar uma faca, pegou a rã, apontou para o que parecia o pescoço, preparou o corte certo e...

— Ela tá viva, mexeu o olho!

Todos correram para ver o milagre. Como Boca não acertou ela em cheio? O campeão de pontaria? Ficou um tempão mirando a bichinha!

Naquele momento Boca passou a ser o garoto mais gozado da vila, o matador que não mata, o estilingueiro fantasma, tiro-torto, e por aí vai.

Um olhou para o outro pensando o que fariam com a rã, se continuavam o que Boca havia deixado de fazer com perfeição ou devolver a bichinha para uma poça d'água mais próxima.

Tacitamente decididos pela segunda hipótese, Boca ficou encarregado de devolver a rã para a vida, o que fez de cabeça baixa e cara de raiva, debaixo da maior gozação que ele já havia ouvido.

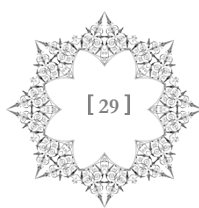
Fomos jogar taco, quando, alguns minutos depois, chega o Boca, sorrindo, com a rã balançando nas mãos, andando triunfante.

— “Você não deixou ela lá no vale verde”?

E Boca orgulhoso:

— “Não, achei que ela ficaria sem a família e resolvi trazê-la de volta; vou cuidar dela”.

E a Jacira — o nome que demos àquela agora simpática rã — se tornou nossa mascote, participante inclusive de nossos jogos de taco, acomodada no bolso do Boca, parecendo que sorria a cada ponto dele. Será?





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A ESSÊNCIA HUMANA

Por Grace Rocatto

Grace Rocatto é fisioterapeuta, mãe de uma criança autista, casada, trabalha em hospital da rede pública, em unidades de terapia intensiva adulto e neonatal. É especialista em cuidados paliativos, vivendo histórias de encontro com a finitude e morte que à ensina sobre a essência da vida e o sentido da vida. A grandeza de seus encontros com os pacientes e a experiência que trazem, levou-a escrever sobre esse grande aprendizado.

O amor é a essência do ser
Disso precisamos saber
E também reconhecer
O seu grande poder

Quando Deus soprou em Adão
Soprou nele seu próprio espírito
A humanidade ganhou a razão
E o amor como um rito

Está em nossas profundezas
A essência do Divino
Precisamos achar tal beleza
E que seja nosso hino

Pelo amor finda-se a guerra
E temos paz na terra
É o Divino em nós
Ouçamos Sua voz

Do amor provém a cura
Muito além do material
Pois restaura toda a alma
Sua força é sem igual

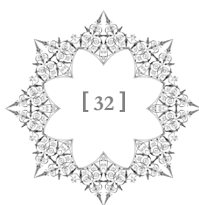
Tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tudo suporta
Traz sentido, um renascer
Mostra tudo o que importa
É possível transcender

Elimina o orgulho
Ira, medo e frustração
Então damos um mergulho
No Divino na Salvação

É o único jeito
De grande provação suportar
Pois se transcende como efeito
De o amor em nós restaurar

Exige grandeza de alma
Amadurecer o excelente
A existência traz a calma
E uma vida reluzente

A paz que excede todo entendimento
Começa a se manifestar
Quando o fundamento humano
Podemos acessar.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

SALTO DE FÉ

Por Guardiã de Histórias

Fascinada pelas histórias que cada um pode contar, Kelly buscou trazer livros para sua vida desde cedo. Sempre amou passar o tempo entre as páginas de textos fantásticos, e não demorou muito para que a paixão se transformasse num ímpeto por criar. Embora o caminho tenha sido marcado por lutos e desafios, Kelly não deixou de flertar com RPG e mundos alternativos e, nos encontros e reencontros dessa jornada, recuperou a coragem e a autenticidade para se fazer escritora.

Uma parte de mim sempre repetia: cuidado com as borboletas. E, na verdade, já entramos em mais brigas sobre isso do que eu gostaria.

Sempre apreciei borboletas. Como voavam livres, apesar de sua curta vida. Como dançavam ao seu redor, em locais floridos e pareciam torná-los mais... puros.

Eu também achava, desde criança, que amor foi feito para ser algo puro. Talvez por isso as pessoas descrevessem a sensação como “borboletas no estômago”.

Mas agora ali estava aquela parte de novo, dizendo que eu deveria temê-las. Que as batidas de suas asas eram um mau presságio — um que anunciava dificuldades, sofrimento e ruínas. Tal qual se apaixonar era uma má ideia.

E soava um tanto curioso, porque todos diziam que eu era uma boa ouvinte. Recorriam a mim como quem buscava uma boia salva-vidas, um ombro que lhes oferecesse consolo em meio ao desespero e clareza em meio à confusão. Eu ouvia cada pessoa trazer seus devaneios e suas paixões, com empolgação ou com temor. E falavam que eu acabava sendo luz quando lhes assegurava: “Você não pode controlar o que sente, só o que faz com isso”.

Então, o que eu faria com aquilo? O que eu devia fazer, quando as borboletas pareciam voar mais alto do que todos os muros que ergui?

Ao pensar isso, podia jurar que aquela parte, aquele ser ferido, só iria me acusar de criar desculpas. Precisava admitir que era um tanto habilidosa nisso, em criar fugas na minha cabeça para não enfrentar o que me desafiava. Mas, surpreendentemente, ela riu comigo, mostrando que em pelo menos uma coisa concordávamos.

Ainda assim, eu não sabia como convencê-la de que seu sorriso valia a pena, de que seu toque acalentava os dias frios e sua risada soava como uma doce melodia aos meus ouvidos. Talvez porque quaisquer argumentos se tornassem inúteis frente à intensidade de uma emoção genuína. Talvez porque amor e paixão desafiavam a lógica — eram menos válidos por isso?

Talvez porque, para voar, antes precisássemos de um salto de fé.

Então, eu não tomaria cuidado com as borboletas. Diante do portão de embarque e à beira do precipício, decidi voar com elas.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

JOVEM E BONITA

Por Isabela Bil

Isabela, nascida em 1998 em Rio Verde de Mato Grosso, é escritora, professora de teatro e especialista em Lewis Carroll. Formada em Letras pela UFMS, escreve desde criança, mergulhando em fantasia, romance e drama como forma de consertar a realidade.

Você me amaria se eu não fosse mais jovem e bonita? Sempre me pergunto isso: como seria envelhecer ao teu lado, será que você ainda olharia para mim com amor e paixão todos os dias? Você estava tão apaixonado, eu lembro de ver estrelas em seus olhos cor de mel e eu me lembro de sentir meu peito se aquecer com esse sentimento de primeiro amor. Não sei se você já sabia na época que era recíproco, mas era e como era. Você era como um sol que iluminava a todos e cuja presença era notada de longe, era claro e tinha uma aura mágica e espetacular, todos gostavam de você, alguns até demais, por isso que aconteceu isso tudo, vai ver, às vezes, nosso magnetismo exacerbado é nossa ruína, não que seja nossa culpa, ninguém tem culpa de ter uma atração gravitacional tão prejudicial a si mesmo. Você não vê o sol atraindo para si seu próprio fim.

Eu me lembro da primeira vez que te vi, eu me perguntava de onde tinha vindo, de onde era, algo em meu interior me dizia que não era do meu mundo, não do mundo que eu conhecia. Era algo de fora, um forasteiro, uma estrela cadente, um cometa de passagem pela terra e por nossas vidas, talvez fosse só por nosso país, eu sabia que sua mãe estava na Europa e eu não cheguei em nenhum momento me interessar por isso, mas a vida é perversa e traiçoeira, nós somos perversos e traiçoeiros com nós mesmos, nos tornamos coisas tão diferentes do que queríamos ser. Eu sabia e sentia que você seria um líder da nova era, algo assim, como um messias, acho que já podemos falar de messias, você seria um grande messias, foi o que eu vi depois, e além, um santo, desses que cujas imagens decoram os templos, desses, cujas pinturas estão penduradas nas casas e nas capelas das senhoras italianas que rezam por milagres familiares. São Casterzim das Almas Injustiçadas (eu gravaria esse nome em letras douradas na entrada das igrejas de Minas Gerais, com todo o ouro e diamante que eu pudesse ter), mas ainda não é sobre isso, é sobre se você me amaria se eu não fosse mais a sua musa, sua paixão, sua inspiração, a donzela pela qual você se apaixonou, por quem você caiu, em todos os sentidos possíveis, a por quem você caiu.

Eu pediria a Deus que te levasse comigo ao paraíso, mas você foi para lá primeiro e agora eu nem sei mais se existe mesmo Deus, o que você descobriu afinal? Ele está aí em cima por nós? Ele te chamou? Foi ele quem te chamou? Por que assim? Sua missão era ser mártir? Você queria ser mártir? Mártir não é coisa de católicos? Deus sabia que você

não era católico? O que você achava dos mártires? Eu fico me perguntando essas coisas e fico me perguntando se um dia a gente iria se separar. Seria muito irônico se o nosso amor não fosse eterno, ainda que seja muito fácil um amor adolescente não ser eterno, mesmo assim, poderia ser, mas e se não fosse? Ele teria valido de algo? Ele valeu isso tudo? Ou será que não? Eu me sinto tão confusa...

Você me amaria se em mim não restasse mais que uma alma dolorida? Me amaria se soubesse que eu fugi? Ou você queria que eu fugisse? Não houve alternativas... Eu tive que fugir sem olhar para trás.

Você me amaria se me visse hoje em dia? Amaria alguém que não acredita mais em Deus? Você ainda acredita em Deus? Quem sabe...

Você foi meu sol, eu fui teu sol, mas no fim, todas as estrelas morrem.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ENTROPIA DA CONVIVÊNCIA

Por Jaff Silva

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Este poema inicialmente apareceu no seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", publicado de forma independente em fevereiro de 2025 na Amazon-BR, via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Versões em português, inglês, francês e espanhol estão na forma digital. Versões bilíngues (português/língua estrangeira) foram publicadas como brochuras. Vários REELS e vídeos-poemas estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst) e no Youtube (@Jaffkamphorst).

Homem encontra mulher,
Mulher encontra mulher,
Mulher encontra homem,
Homem encontra homem.

Todo amor tem forma diferente
Sempre perfeita, com ou sem sexo.
O que importa é o que se sente.
O amor é embutido de nexo
Nos beijos, no afago e na paixão.

Todo mundo tem um coração.
Quando entre dois ocorre o batuque
Não precisa de magia ou truque,
Só se transfigurar na euforia
Dessa emoção que nos apetece,
E que a vida da Terra conhece.

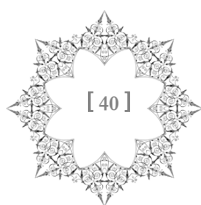
Amor e vida tem conexão
Pois o amor é muito biológico,
Pouco racional, todo ilógico.

Por aí, você vai tateando
E de repente encontra outro ser,
E realiza que está amando
Mesmo quando você não quer.

O amor exige o cotidiano.
Começa a lida no dia a dia
Com aquilo que compartilham.
Mas no contínuo passar do tempo
Ínfimos atritos fervilham,

E um casal pode se separar.
O tumulto da convivência
Pode extinguir toda e qualquer chama.

Serão eternos amores utópicos?
Em todas duradouras vivências,
Os amores sempre serão entrópicos.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

LENA

Por Jornalista Leo Barroso

Leo Barroso é o conselheiro estadual de cultura eleito com o maior número de votos da história do Paraná (2025), representante da macrorregião Centro-Sul do Estado.

É o coordenador da região Sul do Brasil na Diretoria do Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Cultura (ConECta).

Em 2024, foi delegado e membro da Comissão Organizadora da 4ª Conferência Nacional de Cultura.

Artista fotográfico que adquiriu reconhecimento internacional por suas obras.

Jornalista em Irati - PR, é membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), eleito em 2024.

Ela parecia enxergar o que ele não sabia mostrar, nem sequer quando tentava. Desde o primeiro olhar, havia uma espécie de densidade no ar, como se os silêncios deles tivessem se encontrado antes mesmo das palavras.

Julho chegou e, junto com o frio, trouxe consigo uma entrega inesperada: trocas de mensagens, livros compartilhados, pizza agridoce, café bem passado, encontros repletos de sorrisos e risadas. A alegoria perfeita para um samba-enredo digno da Sapucaí, batucado ao ritmo de sonhos, arquétipos e feridas que ambos vinham cicatrizando.

Ela fez morada na imaginação dele, e ele nem parou para pensar. Fez um convite, e ela respondeu com outro. Ela cozinhou, e ele lavou a louça. Descobriram que as músicas que ele ouvia no banco de trás na década de 90, foram trilha sonora de aventuras dela em tempos mais recentes. Havia algo ali que as meras coincidências jamais dariam conta de explicar. Era como se aquele encontro tivesse sido uma trama do inconsciente coletivo.

Naquela noite — a mais intensa — envolveram-se como quem desarma medos. Como quem, por instantes, habita o outro sem invadir, e se permite ser inundado, sem medo de se afogar. Uma verdadeira imersão em sentidos e sentimentos, que se complementavam e se emaranhavam em um hipnótico transe.

Não foi apenas o corpo. Surgiu, naqueles quatro dias - carregados com uma energia que poderia preencher uma década inteira - algo que ultrapassava a carne. O desejo não se contentava com a pele: gemia por continuidade, por encaixe, por vida, por mais!

No entanto, o tempo carrega nas dobras o que fica escondido. Naquele domingo chuvoso, a tardia verdade quebrou o clima como um raio rasgando os céus, e soou mais perturbadora do que o vento e os pingos indo violentamente de encontro aos vidros da janela.

Quando ele confessou, não houve defesa. O que havia, era culpa. Ela deixou algumas lágrimas escaparem. Não porque fosse frágil, mas porque ouviu ruído onde ele deveria ter entoado harmonia. A despedida, então, foi imperiosa, ainda que elegante.

Foi quando ela lembrou da garrafa de vinho. Um tinto que ele escolhera cuidadosamente, com carinho e esmero. Quase como uma promessa, que lamentavelmente não foi cumprida. Ela, com os olhos ainda úmidos, perguntou com uma voz quase sem cor:

— Você vai levar?

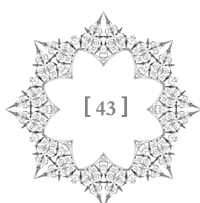
Ele hesitou. Como precisava partir, desejou profundamente deixar algo de bom. Então, respondeu com outra pergunta:

— Você tomaria, se eu deixasse?

Ela não disse uma palavra. Balançou a cabeça afirmativamente, e sorriu. Um sorriso curto e contido, quase clandestino. Mas, tão verdadeiro quanto tudo mais que ela havia entregue até então. Foi como um sentimento que escapou da dor — como se a alma, por uma fração de segundo, ainda tivesse enxergado um caminho, onde a razão já havia erguido uma muralha.

Ele pediu um abraço, ela concedeu uma saudação. Ele se foi. A garrafa ficou. Aquele vinho, agora, não era só bebida. Foi testemunha. Do que fez bem e do que fez mal. Do que ficou e do que partiu. Do que foi e do que não foi. Tornar-se-ia, ainda, um símbolo expresso de tudo aquilo que ambos adorariam que tivesse sido.

E, mesmo que os silêncios nunca mais venham a se encontrar, haverá sempre uma garrafa de afeto maturando na adega dos corações partidos.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AMO O TEU CORPO COMO QUEM ORA SEM PALAVRAS

Por José Paulo Santos

É poeta, professor e formador. Nasceu em Sever do Vouga e vive atualmente em Aveiro. Professor de Língua e Cultura Portuguesas e Francesas pela Universidade de Aveiro, lecionou no Ensino Secundário e na Universidade de Lisboa e no Instituto de Línguas de Tunes (Tunísia). Possui várias pós-graduações e iniciou o seu doutoramento na área das Tecnologias Educativas. É à Poesia e à reflexão filosófica que se entrega como forma de terapia e de aperfeiçoamento da escrita e do desenvolvimento cognitivo e emocional. Tal como já escreveu, "eu escrevo e dou poesia / não para mudar o mundo / somente para mudar mundos." Publicou em 2017 o livro de poesia "Aldeias em Mim" e "O Invisível do Voo" em 2021. Possui vários poemas em Antologias, nomeadamente, na Antologia "Terra, Uma Poética de Nós", que inclui poemas de Mia Couto, Boaventura de Sousa Santos, entre muitos outros. É cronista no jornal O Cidadão.

Amo o teu corpo como quem ora sem palavras, como quem toca o primeiro raio de sol
e descobre que a luz também tem pulso, também tem sede, também tem nome:
o teu nome.

Amo a geografia íntima dos teus ombros, os vales onde me perco sem mapa,
os segredos que sussurras com o calor da nuca, quando o mundo se apaga e só restamos
tu, eu, e o silêncio que nos devora devagar.

Amo-te nua, não só pela beleza —

mas porque nua tu me despirias com os olhos, com o pensamento, com um gesto tão lento
que até o tempo se envergonha de existir.

As tuas costas são um poema que aprendi de cor, cada vértebra um verso, cada curva um
compasso onde bate o meu coração como um tambor
a pulsar na escuridão por algo sagrado.

Quando te deitas, o universo ajeita-se. As estrelas calam-se. O ar adensa-se. E eu que sou
apenas homem,
torno-me rio, fome, vento, tudo o que é líquido e livre, só para fluir em ti.

Tu cabes em mim como o mar cabe na concha, como a chuva cabe na terra sedenta,
como o sonho cabe no olhar que o inventa.

Cabes nas minhas mãos como se tivesses sido moldada para elas desde antes do tempo,
muito antes do próprio tempo.

E se um dia a morte vier — não te entregarei coberta.

Devolver-te-ei à terra como te recebi: nua, verdadeira, essência.

Porque até na partida quero que sejas inteira, como és na vida, como és no meu abraço.

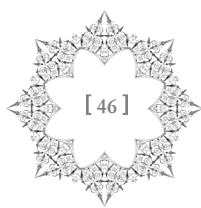
E quando o vento mover as folhas, serei eu a chama-te.

E quando a lua beijar a água,

serei eu a amar-te. E se renasceres —

que renasças entre as minhas pernas, com o mesmo grito,

com o mesmo fogo, com o mesmo nome: amor





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

PEDAÇOS

Por Laylla Gomes Franco

Laylla Gomes Franco é professora de Português, Inglês e Literaturas na rede pública estadual de Salvador-BA. Atualmente, cursa o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens na Universidade do Estado da Bahia, onde reencontrou a escrita como espaço de pesquisa e também de vida. Seu gosto pelas palavras cresce a cada dia, atravessando sala de aula, projetos acadêmicos e criações pessoais. Acredita que a literatura pode transformar, curar e até mesmo suavizar as dores cotidianas. Para ela, ler e escrever são gestos de resistência, respiro e dádiva.

À Rebecca, Ericca e Alinne (todas Gomes)

Ela olhou ao redor. Não. Ninguém ali a conhecia. Ela tampouco conhecia alguém. Continuou a caminhar pela rua. Os olhos inchados pelas lágrimas da noite embaçavam sua visão. Piscava mais vezes para tentar enxergar melhor. Olhava para a barriga que roncava, mas não era a fome que importava. Importavam os tantos sonhos que começavam a se construir diante da notícia recebida no pedaço de papel em suas mãos.

Amassou o papel e o empurrou, carinhosamente, contra a barriga. Não era bem aquilo que tinha imaginado para aquele momento, não na ordem nem do jeito que os fatos ocorreram. Olhou para o céu, da cor do concreto, e soube: nada seria menos difícil do que já tinha sido. No horizonte, o mar agitado rugia. O vento trouxe a maresia, deixando-lhe o rosto salgado.

Voltou à memória algumas horas antes. O companheiro, com quem sonhara dividir a vida, levava-a para jantar no restaurante mais caro do bairro. Ela imaginara uma ocasião especial – e era, de fato. Ele parecia nervoso, já havia pedido licença duas vezes para ir ao banheiro. Na terceira, deixou sobre a mesa um pedaço de papel com um número de telefone. Ela não deu importância. Tinha certeza do que se desenrolaria: o pedido de casamento.

Mais uma vez ele retornou, o suor descendo. Tomou um gole de água, olhou-a fixamente. “É agora”, ela pensou. E foi. Mas não como sonhara. O homem revelou que há algum tempo se dividia entre duas mulheres. Era casado com uma e namorado da outra. Disse que o coração tem dessas coisas. Mas algo acontecera na noite anterior: a esposa anunciara uma gravidez e exigira compromisso. A decisão estava tomada: ele permaneceria casado.

Antes de sair, pediu um favor: que a namorada ligasse para a esposa e dissesse que tudo estava terminado. Passou-lhe vagarosamente o pedaço de papel, enquanto ela permanecia imóvel, estarecida. “Por favor, faça isso por mim e pelos bons tempos que vivemos”, disse, e foi embora.

Ela engoliu em seco. Tudo parecia um pesadelo, um truque da mente. Abriu a bolsa, colocou mecanicamente o papel junto a outro pedaço de papel – o do resultado dos exames.

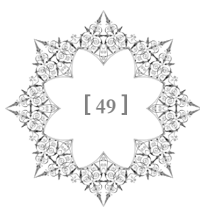
Sonhara em dar ao namorado a notícia de que guardava no ventre o maior dos presentes. Mesmo sem planejar, acreditava que juntos se sairiam bem. Mas não esperava descobrir que ele a enganara. Sonhou sozinha durante treze meses.

Aos poucos, a realidade se despia. Pensou em como seria criar uma criança sozinha, sem os pais por perto, sem deixar o emprego. Os papéis em suas mãos a traziam de volta: ligaria para a esposa daquele homem? Como, em meio à dor, dizer alguma coisa se o que preenchia seu coração era raiva por ter sido enganada, traída, partida?

O outro papel a fazia levar as mãos à barriga. Pensava no futuro, no que diriam dela por ter sido “amante”, mesmo sem saber. Pensava se a criança teria saúde, se estudaria, se teria uma vida boa. Já não teria figura paterna.

Enquanto o coração sangrava em pedaços, ela se recompôs, olhando a praia e o céu. Aquele amor que a consumiu por treze meses transformava-se em algo maior. Havia decisões a tomar, mas uma certeza a guiava: tinha alguém muito especial a quem amar.

Juntou os pedaços, levou a mão à barriga e deu um passo rumo à desconhecida e medrosa felicidade de ser mãe.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

AH... O AMOR!

Por Marilu F Queiroz

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.

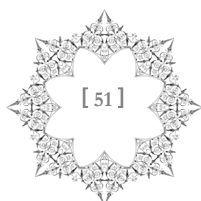
O amor, é a pura essência da vida,
existe em cada olhar, cada presença.
No sorriso da criança, inocência pura,
nos gestos gentis, é a máxima virtude...
O amor é vida em toda sua plenitude.

Amar é viver em constante harmonia,
É ver beleza em cada mínimo detalhe...
Encontrar alegria no mais simples gesto,
na dança do vento, na luz que abre o dia,
o amor é o segredo da mais pura alegria.

Com amor sincero se constrói a felicidade,
na união dos corações, um amor eterno.
Sem descrença, só com respeito e carinho...
Em cada gesto, um laço real e verdadeiro:
O amor é a força superior no mundo inteiro.

Entre as montanhas e o mar, a conjunção...
Amigos se encontram, almas em sintonia,
o abraço, um porto seguro, a linda canção.
Na alegria e na dor, eterna é a companhia:
Corações entrelaçados em única melodia.

Amor universal é o elo que une e transcende...
Na dança das estrelas, é a luz que sinaliza,
que fazemos parte de um som que evidencia,
une seres, terra e céu na mais pura comunhão:
A essência do universo, numa única vibração!





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

CANTOS DO ÉTER

Por Raphael Santos Oliveira

Raphael é estudante de engenharia da computação, sempre interessado em ficção e literatura.

Angelo fitava com seriedade o monitor. Através do sistema conectado ao grupo de satélites orbitando o ponto focal do Sol, monitorava o espaço em busca de sinais ou mensagens vindas de um mundo distante, através do éter.

Na maior parte do tempo, recebia apenas ruído. Quando por fim captava informações de origem humana, eram dados coletados e atualizações das pesquisas feitas no exoplaneta pela equipe enviada na missão a ele.

Atado aos grilhões da relatividade, as transmissões, esticadas e encorpadas pela gravidade solar, demoravam anos para chegar ao remetente, porém nem por um instante essa condição diminui a grandeza do feito.

Sendo um físico criogenado por dois séculos, popularmente chamado de “velharia”, para o homem, poder presenciar aquelas antenas abertas como as pétalas de uma flor, preenchia seu âmago de excitação. Sentia-se abençoado por presenciar uma conquista astronômica tão grandiosa, mas insuficiente para dissipar a amargura em sua boca.

O mundo em que acordou causava nele a mesma estranheza e atrito caso um aristocrata do século 17 fosse ao século 20. Prédios no formato de pilares negros estendiam-se para além das nuvens. Pessoas de costumes estranhos, vestidas com estampas e cores intensas que incomodavam as retinas.

Uma humanidade discrepante e hostil o cercava, oprimindo o físico e o espírito. Assim foi até Penina fazer-se presente em sua vida.

Uma sensação doce passou suave pelo o corpo no que veio à memória dela. Vinham de períodos próximos. Foi osmótico, cadenciado ao ponto que mesmo conhecendo outros de mesma condição, uma afeição especial germinou entre ambos.

De volta ao presente, Angelo jogou-se para trás na cadeira. Com os braços esticados, soltou um bocejo e voltou ao relógio. Faltava pouco para o turno acabar e poder tirar algum sono. Continuou matutando sobre a vida.

O relacionamento que possuíam não carregava o romantismo jovial. Era guiado pela sobriedade experiente, no entanto, por vezes, o homem não conseguia deixar de notar a presença de um excesso de frieza. Uma barreira de hesitação os envolvia, conduzindo-os vagarosamente para caminhos diferentes.

De início acreditou que fosse apenas o jeito dela, mas logo percebeu, por conta do jeito animado que interagiu com os poucos amigos, que não se tratava do caso. Poderiam

estar no mesmo recinto, mas raramente conversavam ou interagiam. Parecia que deram saltos largos direto à fase da rotina pedante e apática.

“Talvez”, sugeriu o homem a si mesmo, “fosse medo de se apegar e perder, como foi quando tiveram que nos criogenizar. Talvez”, engoliu em seco, “só era o desejo exclusivo da parte oriunda do passado, a que remetia ao cotidiano perdido entre as eras, mas não a pessoa em si”.

Farfalhou os dedos no cabelo, numa tentativa de espantar o pensamento. Olhou ao redor. Os colegas conversavam, liam e um dormia no assento. O trabalho, embora bem pago e importante, tinha como soberana a monotonia.

Tirando o monitoramento e envio ocasional de documentos, artigos científicos e tópicos referentes a lazer para os pesquisadores da missão, não sobrava muito do que fazer naquelas instalações.

Na distração geral, Angelo sacou o velho par de fones de ouvido do bolso e procurou no celular, essa relíquia isenta de valor naqueles tempos tão avançados, por alguma música.

Beatles, Guns n’ Roses, Gloria Gaynor, Stevie Wonder e muitos outros, embora vários já esquecidos pelo público geral, habitavam eternamente entre os favoritos do homem, gosto compartilhado pela esposa. Tinham o hábito de ouvi-los no preparo da comida ou no varrer do lar juntos.

“Sempre juntos...” De cotovelo apoiado ao joelho e a cabeça baixa, a mente desenterrou o momento em que foi despejado, de carteira vazia. Conseguiu emprego e adotou um gato que perambulava pelas ruas.

Em todas essas memórias, ela estava lá.

Deliciado pela nostalgia, remontou as vezes que deitavam no sofá, o calor de seus corpos, o prazer que florescia em si só de estar perto dela, de senti-la, de conversar, mesmo numa discussão.

De súbito, foi invadido por uma azia subindo-lhe à garganta, tremedeira de abalar seu ser e frio percorrendo a barriga, igual a quando soube que ela teria que ir embora. Penina foi selecionada para fazer parte da missão ao exoplaneta, o qual agora ele monitorava, e nunca mais poderia voltar.

No momento da descoberta, soterrando a ansiedade sobre uma expressão contida, o homem perguntou o que ela pensava sobre isso. Não havia opções viáveis, não era fácil arranjar trabalho sendo uma velharia, não apenas com anos ou décadas, mas séculos de atraso no mercado de trabalho.

Angelo limitou-se a entrelaçar e apertar os dedos inquietos, evitando olhar nos olhos da mulher. A vida continuou como sempre, pouca interação, pouca conversa. Evitavam falar sobre o tópico espinhoso, como se fosse um mau agouro. Até a data fatídica chegar, num dia comum, dentre tantos outros.

— Vou manter contato —, disse o homem num impulso indesejado.

Contorceu-se por dentro. “Droga, por que fui dizer isso?”, pensou.

Penina simplesmente assentiu com a cabeça, os olhos cheios de uma ternura distante e os lábios num sorriso sem brilho, desesperançoso. Assim, ela se foi para sempre, levando parte da paz de Angelo.

Com os ouvidos envoltos numa entonação melódica, o físico voltou-se para o maquinário. Com o favor dos poucos amigos que tinha dentro da empresa, conseguiu trabalhar ali, mas para que exatamente?

“Para que tanto esforço, de que adiantou?”, se questionou. O poder de comunicar-se com mundos longínquos bem à sua frente, mas sem poder usá-lo como quisesse.

Uma frustração borbulhante latejava enquanto percorria o corpo e arrepios terríveis o alfinetavam perante a percepção de sua própria impotência.

O que sentia por ela não era ilusão, ou simples capricho de conveniência! Pôr em dúvida, tirar a credibilidade, reprimir e subjugar o sentimento serviu apenas como um ato egoísta de auto-proteção, covardia.

“Covarde, estúpido e medroso, isso que sou”, pensou, com os dentes cerrados e rosto contorcido em severidade. “Mas...”, as feições desfizeram-se e uma névoa de confusão desorientou-lhe as ideias.

Os nervos latejavam sobre a sobrecarga de pensamentos. Questões cruéis e pesarasas martelavam-lhe o juízo: “Como me contatar com ela? Como fazer de modo que saiba que fui eu? Que a amo?”.

Atrás de si, os interfones soaram como se anunciassem que uma nova leva de informações deveria ser transmitida. Aos murmúrios de seus colegas, Angelo observou a lista de itens a serem enviados.

Uma ideia chamuscou um brilho fosco do fundo do cérebro. Rápido, ligou para um conhecido, de hierarquia superior, para pedir um último favor.

Quatro anos depois, Penina estava sentada, de pernas estiradas e testa encharcada de suor. Lá, o trabalho alternava entre esforço braçal para manter as instalações e sistemas, pesquisas e exploração.

Olhando para o teto, pegou-se com ele na sua mente. Repentinamente, fechou os olhos e balançou a cabeça, como se assim lançasse para longe os pensamentos dolorosos.

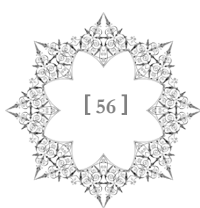
Esforçou-se para se manter na realidade, ater-se aos fatos, mas não conseguiu. “Como ele está agora?”, ecoou pelas paredes do crânio.

Abriu o celular e deslizou o dedo cansado pela lista de músicas, em busca de espairer a mente. Arqueou a sobrancelha ao notar que o catálogo havia sido atualizado.

Curiosa, decidiu vasculhar-lo. Não pode segurar o suspiro ao reconhecer uma das novas adições.

Lembrou-se da promessa que Angelo fez antes de sua partida. “Será que... Não, pouco provável...”, porém não lhe restavam muitas alternativas que explicassem como aquela música fora parar ali.

Com o coração acelerado e pontas de lágrimas nos olhos, apertou o play, reconhecendo a melodia entorpecente de Stevie Wonder, na canção *I Just Called to Say I Love You*.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O C O N T O

CELESTE E SEU GATO FAVORITO

Por Roberto Vignati

Diretor artístico, autor, ator, com 60 anos de carreira. Dirigiu 170 espetáculos. Entre os mais marcantes, posso citar: "Bent", de Martin Sherman, 12 prêmios em 1981. "Bella Ciao", de Luiz Alberto de Abreu, 18 prêmios em 1982. Único espetáculo a receber até hoje da Associação de Críticos Teatrais o prêmio de melhor ator do ano a todo o elenco. "Brincando em cima daquilo", de Dario Fo e Franca Rame, vários prêmios para Marília Pêra, em 1984. "João Pacífico, o poeta do sertão", de sua autoria, 25 prêmios em 2008. Na televisão dirigiu novelas, como "Pai Herói", "Sítio do Picapau Amarelo", "Mundo da Lua" entre outros trabalhos.

Celeste está quase completando noventa anos e adora ficar desenhando. Está agora sentada em frente a sua pequena mesa, rodeada por vários lápis coloridos e um caderno de desenhos, que vai preenchendo com suas cores prediletas. É magrinha e muito serelepe. Seus olhos verdes brilham com o sorriso que se estampa no seu rosto, quando parece sentir um enorme prazer ao perceber a presença do seu atual amado.

Desde o dia que a vi pela primeira vez e elogiei os seus desenhos; ela criou uma afeição especial por mim, afeição que todas as enfermeiras da clínica ficam classificando como um amor desesperado.

Quando me vê, a velhinha dá a impressão de voltar aos seus vinte anos de idade. Quem disse que a libido morre na velhice?! Eu acredito piamente que ela só morre quando morremos e Celeste parece ser uma prova indiscutível disso.

Hoje quando cheguei, vi que ela estava completamente absorvida com suas pinturas e resolvi me aproximar de manquinho, parando atrás dela para admirar o que estava fazendo com tanta dedicação.

— Ah, finalmente você chegou! — Ela disse, erguendo a cabeça, sem virar o rosto, mas demonstrando uma grande alegria. Seu corpo parecia sorrir por inteiro.

— E como foi que você adivinhou? — Eu rebati brincando de palhacinho, como sempre faço quando encontro com ela.

— Ora, é impossível não reconhecer a sua colônia e muito menos o seu cheiro!

— Mulher do céu! Que coisa mais linda que você está pintando! — Eu digo procurando fingir que não ouvi a última parte do que ela falou.

— Não, não sou do céu. Ainda sou da terra! Isto é um gato e adivinha quem é?

— Um gato!? Um gato!? Vejamos que gato é este? — Continuo sempre brincando como se estivesse no picadeiro de um circo!

— Não é nem angorá, nem siamês. É você! — E brota ali um riso de uma sensualidade inacreditável.

— Ah, excelentíssima Senhora: fico muito honrado, mas esse gato é muito bonito! E eu um...

— Não, não! O meu, ao vivo, é muito mais bonito!

— É muita gentileza da sua parte, digníssima Senhora, mas esse do desenho me parece muito melhor. Mil vezes melhor! — Ao que Celeste, balançando a cabeça como uma menina, nega sorrindo maliciosa!

— E a digníssima pintora, como está? Ataco à queima roupa, parando a brincadeira!

— Agora muito melhor! Você é um raio de luz feito homem, na minha velhice. Sempre que você chega aqui, tudo fica mais iluminado!

— Meu Deus, amanheceu inspirada a nossa pintora. — Eu digo levantando o tom para que todos que estão na sala ouçam. — E está também se revelando uma poetisa e tanto! Ái, ái!!! E assim, com tamanho elogio, acho que vou desmaiar! — Enquanto falo isso, vou me afastando e finjo desmaiar, caindo numa poltrona ao lado. Celeste solta uma gargalhada gostosa! Eu me levanto rápido e ataco mudando o jogo novamente. — Agora falando sério: tem tomado bastante água? Comeu tudo no almoço? Você sabe que saco vazio, não para em pé?!

— Sim, sim, sim! Tomei muita água, comi tudo que trouxeram no almoço horrível. — Segura o meu braço e fala bem baixinho. — Sua mãe tem toda razão, aqui não sabem cozinhar. — Ri gostoso novamente, logo completando. — Ainda bem que você traz sempre coisas gostosas para ela e eu aproveito também para encher a minha pança! — É. A minha mãe foi uma cozinheira de mão cheia, como se costumava dizer. Por isso é sempre muito difícil ela gostar do que os outros fazem na cozinha. Uma vez a minha irmã a levou num restaurante chique e quando no final, o chefe veio perguntar se estavam satisfeitos e perguntar como estava a comida; ela respondeu à queima roupa que não tinha gostado não, dando uma lição de como eles podiam melhorar o molho. Minha irmã e todos da mesa ficaram envergonhados ao que ela completou: “Quem mandou ele vir perguntar?! Eu não podia dizer que a comida estava ótima, se não tinha gostado!” — Ela sempre foi assim, muito verdadeira!

— E você puxou a ela! — Celeste disse, segurando o meu braço e logo tirando a mão, mostrando-se completamente tímida. — Eu queria... Eu preciso te contar... Ah, não sei se devo?! — E voltou a falar baixinho. — Ninguém pode saber. — Eu faço uma cruz com os dedos na boca, como a gente brincava quando era criança, deixando claro que a minha boca era um túmulo. Celeste olha para os lados, certifica-se de que ninguém está por perto. — Ninguém pode escutar. — Eu já esperando que dali vinha coisa, segurei a sua mão. — Fala! Que foi? Aconteceu alguma coisa com a sua nora, sua neta? Elas vieram te visitar? — Não, elas estão com problemas. Meu neto mudou para o Rio de Janeiro e as duas foram conhecer a casa onde ele está morando. — Ela vira o rosto, querendo chorar. — Não, não fica assim. Pode falar. O que foi que aconteceu? — Celeste fica agitada.

— É que estão querendo me mandar embora daqui. Disseram que eu estou devendo muito. E se eu não pagar até amanhã... — Calma, não se preocupe com isso! Não é a sua nora que tem a procuração, recebe sua aposentadoria e paga tudo? — Celeste balança a cabeça que sim. — Então para quê se preocupar?! — Os olhos verdes de Celeste olham um espaço longe.

— Ah, meu Deus! Tudo isso porque meu único filho morreu com sessenta anos e eu... Os filhos nunca deviam morrer antes dos pais! Ele era dentista do exército, sabe? O meu marido também era médico do exército.

— Então, pra quê se preocupar?! A sua nora tem duas aposentadorias polpudas na mão e não vai te deixar faltar nada. Se bem que vive atrasando pra trazer os seus remédios, não tem vindo te visitar e quando vem; só traz guloseimas que você não pode comer, fica sempre te criticando e a maior parte do tempo vai até o portão onde fica fumando. Isso me deixa indignado, embora eu não tenha nada que... Mas, não acredito que esteja atrasando os pagamentos. Viu?! — Como sempre faz, Celeste logo procurou amenizar a situação.

— Eu agradeço muito sua preocupação comigo, mas na verdade, não era disso que eu queria falar. — De repente, se fecha envergonhada. — Eu digo que vou ver minha mãe e me afasto. — É que eu sonhei com você e... — Ela diz à queima roupa e logo volta a pintar. — Então eu digo que quando quiser contar, é só me chamar. — E vai assim? Sem levar o meu presente? — Ela estica o braço, mostrando um lindo gato. Quando me aproximo para pegar o desenho e agradecer, Celeste me dá um beijo na boca e sai apressadamente em direção ao jardim.

A enfermeira chefe já tinha me contado que ela vivia brigando com as outras pacientes que ficavam conversando comigo, atravessou a sala sorrindo. Outras pacientes aplaudiram rindo. Lembrei que a enfermeira me contou que ela até xingou a cozinheira, só porque ela pediu uma carona até o ponto do seu ônibus, quando me despedi há algumas semanas atrás. E eu brinquei: “Era só o que me faltava, depois de velho provocando...” Ao que a enfermeira rebateu: “Elas são velhas, mas ainda não estão mortas. Muitas têm ainda a libido totalmente ativa, não se iluda, caro professor!”

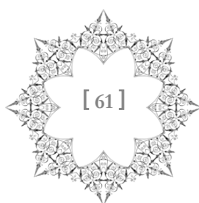
Depois desse dia conversei com Celeste mais algumas vezes e ela sempre se queixava que a nora e a neta pareciam ter esquecido que ela existia. Então resolvi telefonar para falar com uma delas e fiquei sabendo que ainda estavam no Rio de Janeiro. A neta aguardava se curar de uma complicada conjuntivite e a nora continuava tentando

salvar o casamento do filho, que depois de uma briga muito feia, resolvera se separar da mulher. Quando contei parte da coisa, Celeste ficou mais calma. Começou a pentear o cabelo e a pintar os lábios, dizendo que naquela tarde ia sair pra passeara com um novo namorado. Estranhei a colocação, mas não quis entrar em detalhes, para não alimentar ainda mais os seus desejos ocultos.

Na semana seguinte, não conseguir mais falar com ela. Acamada em seu quarto, não queria ver ninguém porque achava que seu rosto estava muito mudado. — O que está acontecendo? Este não é o meu rosto! — Ela se queixava às enfermeiras. Então achei melhor lhe escrever um bilhete: — O rosto de todos nós está mudando a cada dia, caríssima pintora poética! Mas, por mais que mude, saiba que o seu continua sendo um rosto lindo. Lindíssimo! — Ela devolveu o bilhete com um beijo impresso por seus lábios em batom vermelho, tendo embaixo escrito: “Eu te amo!”

Depois disso, quem pegou uma gripe forte fui eu e fiquei, para não contaminar ninguém, sem aparecer na clínica por uns dez dias. Falava sempre com a minha mãe pelo telefone. Quando pude voltar, Celeste tinha sido transferida pela nora, para outra clínica; alegando que ali ela não estava sendo bem tratada, além de achar o reajuste anual colocado em contrato um verdadeiro absurdo. Perguntei para onde ela tinha ido e não souberam me informar. A cozinheira me fez um sinal e quando fui ver o que ela queria, disse que ia procurar saber para onde Celeste tinha ido e me avisava. Passadas umas duas semanas, assim que soube do novo endereço, comprei uma linda rosa vermelha, que ela dizia ser sua flor preferida e, com o gato presenteado numa moldura, toquei a campainha da nova clínica que já da porta exalava um terrível cheiro de urina. Fui recebido por uma mulher com um avental todo sujo que foi logo informando:

“Celeste não está mais aqui. Essa nem esquentou o lugar. Teve um mal súbito e foi enterrada já tem uma semana”.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TU ÉS SIM

Por Sellma Luanny

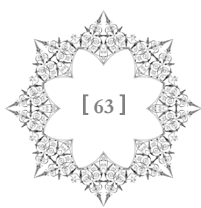
A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Tu dizes não seres poeta...
Pela casualidade? Pelo receio do leitor, talvez?
Mas inspiração não tem data... e o dom é inato.

Não te tentes suprimir... Por favor!
Aquele que a tua poesia lê, bem o sabe
e não se engana... És poeta "de mão cheia"!

De uma vida plena de flores, cores e amor...
e com certeza, muitos catalisadores sonhos,
um grandioso canto que encanta, transparece.

Melódicas profundas sedutoras linhas
de quem brilhantemente sabe envolver... revelas.
És poesia em cada verso!





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUANDO É BOM

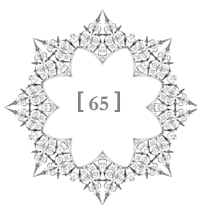
Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

O que traz conforto, sem tirar...
amor transmite, sem reservas...
cria, sem adular...
é belo!

Pela existência de todos, zela...
pelo bem comum, labora...
mesmo se difícil
as mãos, estende.

E os dias mais claros e leves...
a luz da aurora, mais radiante...
e sem desnecessário sofrer
o viver.





Tempo de **amar**

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

IN/SUS... PIRAÇÃO

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Misto de "in" com "sus"
em disparidades, resulta...
um é sentimento
o outro, sofrimento...
um é provimento
o outro, esvaziamento...
um é suave e doce
o outro, pesado e acre...
um eleva e acalma
o outro, perturba.

E o amor...
difícil equilibrar!





Tempo de **amar**

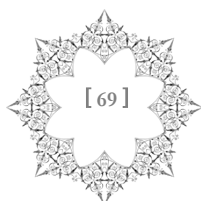
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

RIMOU POR AMOR

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Dó ré mi
fá sol lá si
do amor
de A + B
eu nasci.



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI